

AMTR – Associação das Mulheres Trabalhadoras Rurais do Mearim

Núcleo: Lago dos Rodrigues – Farmácia Viva e Papel Reciclado

Lago do Junco – Sabonete e Essências Aromáticas

SÓCIAS DA AMTR

Ângela Maria de Sousa Silva, Antônia Francisca de Brito, Antônia Maria da Silva Sousa, Ana Vieira Leite, Antonia Assunção da Costa, Antônia Ramos da Silva, Antonia Francisca de Sousa, Antônia Pinheiro, Sampaio da Silva, Antônia Vieira de Brito Sousa, Antônia Alda S. Gomes, Aurora da Conceição da Silva, Beatriz Ferreira dos Santos, Benedita Onório da Silva Mesquita, Carmelita Francisca de Sousa, Cecília Aruda da Cruz, Cleane Ramos dos Santos, Dalvanir Livramento de Jesus, Diocina Lopes dos Reis, Domingas Vieira Leite, Domingas Marques da Silva, Eloiza Paulino Lima, Emilia Bernardino da Silva, Eulenir Pereira da Silva, Elissandra Costa Silva, Felismina Pereira Frazão, Francilene Jansem Silva, Francisca Azevedo de Lima, Francisca da Silva Pereira, Francisca dos Santos Silva, Francisca Evangelista de Sousa, Francisca Irineu da Silva, Francisca Sampaio Ramos, Francisca Ramos dos Santos, Francisca das Chagas, Francisca Cilene Silva de Moraes, Francisca Maria da Conceição Cruz, Ivete Ramos Silva Santos, Iolete Pinheiro Ferreira de Sousa, Joana Rodrigues Alves, Joana Alves da Conceição, Jocília Lima de Sousa, Laudeci Ferreira da Silva Soares, Lenildes Alves da Silva, Lídia Silva de Moraes, Luzia Pereira Lima, Maria Aláides Alves de Sousa, Maria da Conceição Marques da Silva, Maria das Dores Pessoa da Silva, Maria das Dores Vieira de Lima, Maria das Dores Gomes, Maria das Graças da Silva Santos, Maria das Graças de Jesus, Maria de Fátima Alves da Silva, Maria de Fátima Pereira Silva, Maria de Fátima Sousa Santos Alves, Maria de Fátima Soares Sousa, Maria de Sousa Pereira de Mesquita, Maria Francisca Lima da Silva, Maria Joana da Conceição, Maria José de Sousa Silva, Maria José Pereira da Silva, Maria Lúcia Sousa da Silva, Maria Marlene Lima de Sousa, Maria Matheus de Oliveira, Maria Mendes Pinto, Maria Ramos de Morães, Maria Ramos dos Santos, Maria Romana Barbosa Matos, Maria Santana Silva Monteiro Oliveira, Maria Soares de Sousa Cruz, Maria Soares, Marinalva de Brito Sousa Gomes, Marinete Vieira Leite Santos, Maria das Dores de Castro, Maria do Carmo Ramos dos Santos, Maria da Cruz Santos Silva, Maria da Conceição Marques da Silva, Maria das Dores Gomes, Nely rosa de Brito dos Santos, Nazira Pereira da Silva, , Otacíli

Serafim do Carmo, Pedrina Rodrigues da Silva, Raimunda Alves Gonçalves Silva, Raimunda Lopes Pereira, Raimunda Certão Cruz, Raimunda Lima da Costa, Raimunda Freire, Raimunda da Conceição, Rosa Maria de Brito, Rosalina Alves da Silva, Rocimária Silva Santos, Rosilda Lima da Silva, Sebastiana Ferreira da Costa Silva, Sebastiana Gomes Sirqueira, Teresinha Inácia dos Santos, Tereza Ramos dos Santos, Valdirene Certão Cruz, Zenita Ramos Amorim, Zilza Cruz de Aguiar

Coordenador do PNCSA

Alfredo Wagner Berno de Almeida
(NCSA-CESTU/UEA, PPGAS/UFAM)

Equipe de Pesquisa

Cynthia Carvalho Martins (GESEA/UEMA/ASPA)
Davi Pereira Júnior (GESEA/UEMA/SOCIOLOGIA DAS INTERPRETAÇÕES DO MARANHÃO)

Colaboração

Arydimar Vasconcelos Gaioso (GESEA/UEMA/ASPA)
Adaildo Pereira dos Santos (GESEA/UEMA)
Gyordanna Patrícia P. da Silva (GESEA/UEMA/SIMA)
Poliana de Sousa Nascimento (GESEA/UEMA)
Francinete Santos Braga (UEMA/SIMA)
Raimundo Alves da Silva “Didi” (historiador, Assessor da Juventude Rural da Assema)

Edição

Davi Pereira Júnior (GESEA/UEMA/SIMA)
Cynthia Carvalho Martins (GESEA/UEMA/ASPA)
Gyordanna Patrícia P. da Silva (GESEA/UEMA/SSIMA)
Dorival dos Santos (GESEA/UEMA/SIMA)
Luciana Railza Cunha Alves (UFMA/ESTUDANTE DE CIÊNCIAS SOCIAIS)

Cartografia e Geoprocessamento

Aldemir Moraes
Davi Pereira Junior (UEMA/GESEA/SIMA)

Fotografia e Filmagem

Davi Pereira Júnior (UEMA/GESEA/SIMA)
Cynthia Carvalho Martins (UEMA/GESEA/ASPA)
Adaildo Pereira dos Santos (UEMA/GESEA)
Luciana Railza Cunha Alves (UFMA/ESTUDANTE DE CIÊNCIAS SOCIAIS)
Gyordanna Patrícia P. da Silva (UEMA/GESEA/SSIMA)
Poliana de Sousa Nascimento (UEMA/GESEA)

Foto Capa

fornos da Cosima (Lago do Arroz – Lago da Pedra)

Projeto Nova Cartografia Social da Amazônia

Série: Movimentos sociais, identidade coletiva e conflitos

FASCÍCULO 28 – Mulheres quebradeiras na defesa do babaçu contra as carvoarias

935 Nova Cartografia Social da Amazônia: mulheres quebradeiras na defesa do babaçu contra as carvoarias / coordenador, Alfredo Wagner Berno de Almeida ; autores, Cynthia Carvalho Martins, Davi Pereira Júnior. – Mearim-MA : Casa 8 Design / Editora da Universidade Federal do Amazonas, 2009

12 p. : il. ; 14 cm. (Movimentos Sociais Identidade Coletiva e Conflitos ; 28).

ISBN 978-85-7401-478-4

1. Conflitos Sociais – Maranhão 2. Comunidade de mulheres – Maranhão I. Almeida, Alfredo Wagner Berno de. II Martins, Cynthia Carvalho III. Pereira Júnior, Davi IV. Série.

CDU 316.48-055.2(812)

Catálogo na fonte elaborada pela bibliotecária Rosenira Izabel de Oliveira CRB 11/529

O que é AMTR



Primeira fila: Maria Geralcina Costa Sousa (pov. Santarém); Francisco de Sousa (pov. Rocinha), Isabel Cristina Alves de Sousa (Ludovico), Maria de Jesus, Sebastiana Ferreira Costa Silva, Francilene Silva Jansen (Lago dos Rodrigues) Gelza Sousa Mendes (quilombo Catucá), Áurea Alves de Sousa (Ludovico), De cócoras: Francinete Santos Braga (assessora MIQCB, pesquisadora/colaboradora do PNCSA), Otacília Serra Carmo (Ludovico, Lago do Junco), Carmelita Francisca de Sousa (Ludovico, Lago do Junco), Silvianete Matos Carvalho (Pedreiras, assessora ASSEMA) Em pé segunda fila: Beatriz Ferreira dos Santos (Lago dos Rodrigues, STTR), Maria de Jesus Alves (ASSEMA, Santana) Alódia Maria Sousa (Ludovico – Lago do Junco), dona Nasira Pereira da Silva (Lago do Junco), Maria do Rosário C. S. Santos (pov. Lusiânia, Bacabal), Marciara Assis dos Santos (S. João da Mata – Lago dos Rodrigues) Maria Luzia Gomes Vieira (povoado Luziânia, Pastoral da Criança) Alalice Gomes da Silva STTR de Pedreiras, Francisca das Chagas Nascimento (Alto Alegre do Acelino, Bacabal), Maria de Lourdes Silva (Tira Leite – Pedreiras) Oficina de Mapas, 18 de setembro de 2008.

“A AMTR é uma associação de mulheres trabalhadoras rurais, que luta pelo livre acesso, pela preservação dos babaçuais. Dentro dessa luta inclui outras atividades que é melhorar a renda familiar dessas quebradeiras, das suas associadas e também está trabalhando a identidade dessas quebradeiras.” **Sebastiana Ferreira Costa Rodrigues, sócia AMTR**

“Olha, a AMTR foi criada em 1989, ela foi nessa época, a gente só funcionava os grupos e inclui comunidades também, era um momento também que tinha muita dificuldade com a questão do conflito, coco preso né, então essa foi uma forma também da gente se reunindo, em vez de ser de grupo a gente foi formar uma associação por que a gente tava podendo fortalecer essa luta dentro do município, reivindicando os direitos das quebradeiras e então daí, foi criada na época, com 17 comunidades onde tinha grupos de mães, que hoje continua, ainda tem umas 16 comunidades pra ir né. E assim ela tinha o objetivo que era lutar pela preservação ambiental, educação, direito à moradia, acesso a terra, e assim a luta, o que a AMTR vem batalhando desses anos pra cá é isso, hoje a gente já, com a discussão do babaçu livre né, que na época era privado e a gente não tinha acesso, quebrado de meia, vendia ameia pro patrão, a gente não tinha direito na casca né, então isso foi uma luta que também custou suor, ameaças, fazendeiros ameaçava e aonde aconteceu essa luta, hoje o coco é livre, mas a gente também tem outras comunidades que não fazem parte do movimento, que o babaçu continua preso.” **Beatriz Ferreira dos Santos, sócia AMTR**

Formas de exploração do carvão de coco no Mearim



Quebradeiras de coco do Povoado Lago do Arroz-Lago da Pedra-MA

fazer o carvão ou é a COSIMA, ou é a Pacífico de Paula. Mesmo elas quebrando, não têm direito de usufruir o todo do babaçu. E o babaçu sendo livre, a quebradeira quebra o coco, vende a amêndoa, vende o carvão. Ela teria ganhado duas vezes. Quando ela vende só a amêndoa, ela só ganha da amêndoa, o resto quem se beneficia é COSIMA, Pacífico e outras mais que vão surgindo (...) Mas não, o coco é preso. Quando se diz que empresa chegou, alugou um pedacinho de terra para implantar os fornos móveis, aí o que acontece: ela arrenda ali um pedacinho para colocar os fornos... Quando mais tarde ela descobre que não tem mais onde ela comprar a casca, aí que ela vai fazer? Ela vai arrendar a propriedade toda para ela poder coletar o coco, e queimar. Aí fica difícil fazer alguma coisa, porque quando a gente recorre, nós podemos dar a nossa contribuição dizendo que não é para a quebradeira quebrar, no barracão; que é pra ela coletar o coco, pra ela mesmo coletar. Nós podemos fazer isso, só que quando a gente busca outra instância para ajudar, não encontra (...) Denuncia e não adianta. Aí, a gente fica barrado, sem saber o que fazer para ajudar essas quebradeiras que vivem nessa situação de exploração (...) Eu avalio que a Pacífico de Paula e a COSIMA é uma verdadeira exploradora desse trabalho, na nossa região porque, quando nós fomos no COSIMA, nós pedimos que eles deveriam trabalhar diferente, que eles ao invés de coletar o coco e colocar as quebradeiras pra quebrar, que eles deveriam ter uma conversa com os fazendeiros da região, que liberasse o babaçu para as quebradeiras, para elas mesmas coletar e quebrar porque se as empresas fizesse isso, melhorava a vida das quebradeiras. A COSIMA disse que não, que eles podem fazer isso, que eles têm os caminhões (...) Eu acho, que onde esbarra da quebradeira fazer esse trabalho (coletar coco), é porque elas não tem o livre acesso, nem elas têm a terra onde elas possam coletar, quebrar o coco, sem que seja preciso entrar na propriedade de ninguém.” **Dona Sebastiana, conhecida como d. Moça, AMTR, MIQCB**



Carvoaria da Pacífico de Paula - EIB

“A exploração principal é das quebradeiras sem terra, que tem que ficar só no barracão, quebrando, vendendo barato a amêndoa e dando as casca tudo pro dono do barracão, essa tá difícil prá ela, é a única saída, agora mesmo as que tem terra ajunta uma ruma de coco na porta e vende tudinho pros caminhão que passa, os caminhão vão só comprando, onde tem ruma de coco, é uma tristeza.” **Dona Maria Anízio**

“Por exemplo, as quebradeiras fazem assim: elas quebram o coco, no barracão, com direito só na amêndoa. O resto, quem se beneficia da casca para

“Nós temos nossas organização só que é difícil lutar contra essas carvoarias que quer é transformar tudo em fumaça e acabar com que ainda tem de bom, com as sombras, com o trabalho da quebradeira, com a nossa alegria” **Dona Heloísa**

“Nós somos trabalhadores de roça, tamo esperando o arroz amadurecer e trabalhando aqui, aqui nesses fornos, nós paga aluguel de uma fazenda, compra o coco aqui ao redor, num raio de 25, e vende para a EIB que é a mesma Pacífico de Paula.” **Seu Humberto, Santa Tereza**



Carvoaria de fornos móveis



Barracão em Jatobá dos cocos – Bom Lugar - MA

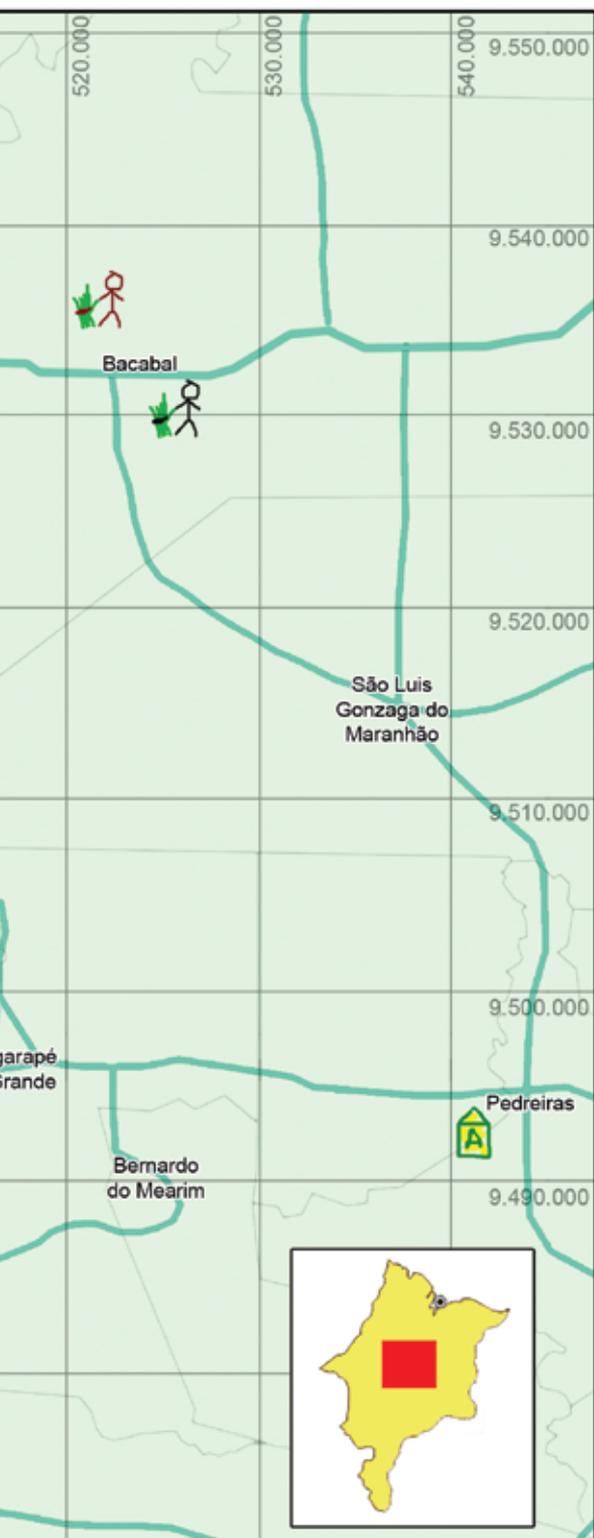
“Eu sofri e não foi pouco com esse negócio de carvão, fui impedida de fazer caeira no meu quintal, fui denunciado só por isso, e obrigada a trabalhar um mês de voluntária na escola, limpando a biblioteca, lavando copo, só porque tava trabalhando, o oficial de justiça veio foi aqui me pegar, parecia que tinha feito coisa errada e só coloquei caiera para fazer carvão pros meus menino comer, enquanto isso essas carvoaria tão devorando tudo” **Dona Francisca, Alto Alegre do Acelino, Bacabal**

“Aqui quando eu falo aqui eu me refiro ao meu município. No meu município há mais organização do que nos municípios vizinhos. No nosso município a gente trava uma luta assim contra a venda do coco inteiro contra a queima do carvão da casca a venda da casaca, a gente não quer que as nossas companheiras venda as cascas pra eles, que ela mesma queime a casca e venda seu carvão, porque se ela vende ela tem mais renda pra família se ela venda a casca é o mínimo, se ela queima a casca e vende o carvão e já vende a amêndoa é duas coisas, duas rendas que entra dentro de casa, então nois trava uma luta pra não ter a queima do coco inteiro e também não vender a casca a gente orienta as quebradeiras e fala pra não vende pra PACIFICO DE PAULA que é a empresa que compra tanto a casca como o coco inteiro e a COSIMA que fica em Lago da Pedra a onde a gente sabe que ta vendendo coco de carrada a gente vai lá e proíbe, mais se a gente da a costa eles voltam a vender . só que onde a gente sabe que ta acontecendo a venda de coco inteiro a gente vai e conscientiza, nois da AMTR, ASSEMA, Movimento Interestadual Cooperativa. Quando eu falo a gente é as organizações e os parceiros.” **Sebastiana Ferreira Costa Rodrigues**

“Com esse negócio de carvão mudou tudo e é tanta exploração que não sem nem dizer todos os tipos que existem .” Dona Dió

O depoimento acima demonstra claramente a dificuldade que as agentes sociais encontram em descrever todas as situações de exploração para produção de carvão. De fato, elas são múltiplas e combinam estratégias diferenciadas. Percebemos que a existência de siderúrgicas no Maranhão tem interferido diretamente na forma como os agentes sociais, em especial as quebradeiras de coco babaçu se relacionam com os recursos naturais. Com o esgotamento da madeira e o aumento da fiscalização a procura pelo coco babaçu intensificou-se consideravelmente. A cada situação em relação à terra corresponde uma forma de exploração da força de trabalho das quebradeiras de coco. O objetivo principal de empresas como a COSIMA e EIB, que atuam no Mearim, é a compra do coco para a produção de carvão. Esse mercado movimenta uma rede de agentes sociais – caminhoneiros, fazendeiros, catadores – com os quais as quebradeiras de coco passam a conviver e os conflitos se manifestam de formas diferenciadas. Durante a pesquisa identificamos as seguintes situações:





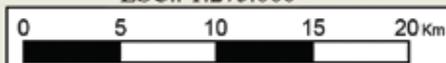
LEGENDA

-  Antigo ponto de revenda de carvão e compra de casca
-  Sede da AMTR
-  Forno móvel da EIB
-  Forno móvel da COSIMA
-  Sede da COOPALJ
-  Saída de trabalhadores para corte de cana-de-açúcar em São Paulo
-  Barracão
-  Posto de compra da COSIMA
-  Posto de compra da EIB
-  Sede da EIB
-  Cantina da COOPALJ
-  Fábrica de sabonetes da AMTR
-  Saída de trabalhadores para o Mato Grosso
-  Área de resistência à venda do coco
-  Conflito com compradores de coco
-  Violência contra quebradeiras de coco
-  Impedimento de produção de carvão para consumo doméstico
-  Sede da ASSEMA
-  Depósito de casca
-  Cerâmica
-  Produção de carvão do coco inteiro

Projeto Nova Cartografia Social da Amazônia

Fonte:
- IBGE 2008
- Croquis da Oficina de Mapas

ESC.: 1:275.000



- a) Quebradeiras de beira de estrada, sem terra, do município de Igarapé Grande que para implantarem seus roçados e garantir o acesso à terra são obrigadas pelos donos de terras a fazer o roço das soltas, ou seja, preparar o terreno para o plantio do capim em troca do coco.
- b) A segunda situação envolve as quebradeiras de coco que trabalham no sistema de quebra de meia, que é uma situação bastante comum entre quebradeiras não inseridas nos movimentos sociais. Como funciona: um atravessador compra ou junta o coco transportado em um caminhão designado de “quebra ponte” para barracões, onde junta algumas mulheres para procederem a quebra do coco sendo que a metade de toda a produção de amêndoas e as casca ficam em poder do dono do barracão.
- c) A terceira situação foi encontrada nos povoados de Lago do Arroz município de Lago da Pedra MA e Matinha em Bom Lugar MA as margens da BR 316, onde um atravessador interessado na casca do coco para produzir carvão transporta o coco inteiro até um barracão onde junta um grupo de mulheres para quebrarem o coco, sendo que a produção da amêndoa fica com as mulheres e a casca para o dono do barracão.
- d) A quarta situação é encontrada também as margens da BR 316 em Jatobá dos cocos povoado do município de Bom Lugar MA, onde o dono do barracão contrata mulheres para trabalharem na quebra de coco ao preço de 0,55 centavos de real por quilo com o direito da casca para o dono do barracão.
- e) A quinta situação encontrada no povoado de Santa Luzia, em Lago do Junco MA, são quebradeiras que não estão ligadas aos movimentos sociais que buscam o coco nas soltas e fazendas para quebrarem em casa. Essas quebradeiras, em regra têm contrato verbal com atravessadores que compram a amêndoa e a casca de porta em porta.
- f) A sexta situação consiste na montagem dos chamados fornos móveis em lugares ermos, onde uma área de fazenda é arrendada e a força de trabalho de homens das proximidades é contratada para a produção de carvão de coco. Essa situação foi presenciada em Santa Tereza.

Há ainda a situação das quebradeiras ligadas aos movimentos sociais onde as famílias canalizam toda a produção de amêndoa para as cantinas - estabelecimento resultante do sistema de cooperativas organizadas pelas quebradeiras de coco que beneficiam a amêndoa do babaçu de forma direta através da produção de sabonete e óleo. O objetivo das cantinas é substituir antigos pontos de compra do babaçu dos atravessadores por pontos de troca dos cooperados. Em alguns desses povoados como Ludovico, os intermediários, que pretendem adentrar os povoados com seus caminhões são impedidos de entrar. São povoados que vivenciam conflitos em função da exploração desmedida do babaçu para produção de carvão.

Formas de resistência

“No verão que passou a gente fez essa briga porque eles estavam queimando já o coco inteiro, não tinha mais casca, é o período da entre-safra do babaçu que não tem tanto babaçu e, eles inventaram de comprar aquele coco que caía (...). Eles inventaram que era aquele coco que eles queriam para transformar em carvão e foi aí que teve essa revolta das quebradeiras com esse pessoal para não deixar que eles comprassem esse coco, que foi o que aconteceu com essas carradas que foram derrubadas por nós(...) Era nas Cajazeiras, na Santa Luzia, tinha os fornos, um bocado de forno. Eles primeiro começaram a queimar nessa estrada que vem da matinha, da Cigana para sair aqui no Pau Santo. Eles botaram esses fornos lá e, passaram um bom tempo. Aí a gente teve uma reunião, ainda foi gente lá conversar com eles e, é realmente isso, a gente viu que era pessoas inocentes que não sabe o mal que estava causando até para ele próprio e as que tiveram uma conversa com eles e, eles foram educados.” **Dona Naná**

“Quando a gente foi para Santa Luzia, a gente foi pensando, que nós, aqui no Ludovico ia ter outra política, pra não deixar acontecer, o que tava acontecendo, na Santa Luzia; que era eles trazerem os fornos para lá mesmo. Que trazendo os fornos fica mais explorado, né? Fica mais explorador e, eu fui com a Ivete e o Raimundo Hermínio e os representantes de organizações, fomos todos pra lá para sensibilizar o grupo de lá da Santa Luzia, para a consequência do que eles estavam gerando politicamente e economicamente, para a comunidade; que eles estavam afetando também o meio de vida de outras famílias. De repente, com uma semana, duas, chegou aqui. Não chegou os fornos. Mas, o caminhão para comprar coco inteiro e, aí, foi a carrada que São José derrubou de manhã, cinco da manhã e, a que nós derrubamos meio-dia. E, aí, nós se deparamos com o pessoal pobre e eles diziam para nós assim: - Vocês não sabem o que eu já sofri para subir essa carrada de coco hoje duas vezes para vocês. Hoje duas vezes derrubarem, a gente fica doente, porque é filho de mãe pobre e ele não está roubando, ele está inconscientemente ali, ele tá procurando um jeito de viver. Mas, não concorda com nosso ponto de vista. Quando a gente diz que nós tamo lutando uma luta por igual, por uma sociedade igual, eles dizem que não, que nós somos ricos; a gente já tem como viver. Se nós precisássemos, nós não estava fazendo aquilo com eles. Eu sei que nós não chegamos a um acordo. O carro que tava lá, ele disse que tava só fretado para carregar p/ a COSIMA e, eles dizendo que eles iam perder o valor do frete que eles tinham feito e, era diário para pode botar o coco em cima. Eles explicaram para a gente como era a forma deles comercializarem e, no fundo, nós consideramos um trabalho escravo, o trabalho deles; desses rapazes que vieram. Aí, findou que, como não chegou a um acordo, aí as que subiram para cima do caminhão e botaram o coco no chão e eles, saíram sem nada. Aí, daí pra cá, não vieram mais não. Ainda entram para comprar casca e, nós temos esse desafio como cooperados. De tentar alternativas para isso não acontecer com os cooperados. Que tem cooperado que realmente não usa a sua casca que produz e isso reflete na venda da casca para o caminhão, que entra que é para levar para COSIMA. Então, entre os cooperados, a gente não tem dúvida; não se deve vender o coco inteiro; agora, a casca vende e, tem razão, se não precisa de toda a casca eles não vão deixar aquela casca lá, sem utilidade se perder. Eu, como cooperada, vejo a necessidade da gente discutir encaminhamentos, buscando mercado para a casca.” **Dona Alaídes**

“Não foi consultado assim diretamente, mas indiretamente já foi eles perceberem da saída do São João da Mata, que assim eles desconfiaram que tinham no meio da casca, eles botavam o coco e forravam com a casca, então quando as mulheres se mobilizaram pra tá parando pra derrubar a carrada de casca, quando eles perceberam isso, eles mudaram o roteiro, eles não passaram, mais tinha suspeita, não sei se foi real, mais tinha suspeita que ele tava, e eu via o carro cheio de casca, o mínimo de casca, mas a parte é coco inteiro, certo.(...) Dificulta por que nessa hora, por mais que a gente seja lá de dentro conscientizando elas que isso é ilegal, que elas também, já têm acontecido delas vender até o do consumo, já chegou época aconteceu no ano passado isso, eu acho que esse ano não vai ser diferente, se você tem o arroz, tem o feijão, tem tudo pra fazer, mas quem não tem carne pra tá cozinhando, pra queimar e cozinhar de novo. Isso é realidade nossa, nós tamo vendo isso, que já aconteceu e continua acontecendo que a casca continua vendendo. Por que a gente assim, eles não mede o futuro, eles querem o momento.” **Dona Heloisa**

“Meu nome é Maria José de Sousa Silva, mas é conhecida mesmo como marianinha, eu sou sócia- fundadora da AMTR e hoje eu to na direção do sindicato, quando a gente veio dessa situação, dessa discussão toda e hoje a gente tá ocupando esses espaços e assim, aqui na nossa região no início do ano de 2005, foi que começou essa questão das caeiras, da compra da casca e dentro dessa discussão dessas coisas, a gente tem aquela preocupação também de no meio não tá indo coco, por que essa é a preocupação maior, além das vendas que dificulta, que dá

um bocado de problema e assim no ano de 2005, foi que começou aqui com essas caeiras no início, na saída da rua, acho que 1 km da saída da rua pro local da saída da, mais ou menos isso, e assim na beira da estrada, por que o problema desse pessoal, o pior de tudo é que ainda faz sempre na beira onde passa o trânsito e além de está causando um impacto ambiental, também tava prejudicando a saúde, já tinha pessoas muito afetadas, por que a fumaça ia com mais de 2 a 3 km de distância e assim, quando a gente tomou conhecimento desses casos, além dos acidentes..., então eles causam um monte de problemas, ai a gente comunicou a Secretaria de Saúde pra ver se ela poderia ta formando uma parceria junto com a gente, a gente foi lá, é muito precária a situação, assim, além da questão do que causa, é a questão do lado social, tem a questão também do lado dos trabalhadores que fazem o trabalho escravo, por que eles não tinham como ter um acesso, assim, de boas qualidades diante do trabalho, e quando a gente for reclamar pra ele, pedir pra ele, colocar a situação pra ele, ele dizia que a situação, ele não tinha emprego, tinha que trabalhar e pelo preço bem baixo e assim, e hoje continua e só tira de um local pra outro e depois eles botaram aqui no Povoado Marajá e a gente de tanto bater na tecla dele, sempre a gente tem, trabalha pra banda de lá, a gente ficava né, chamando eles a atenção a situação que eles tava causando, os prejuízos que eles tava causando pro município, ai eles disseram: “é tem que falou pra gente, eu conheço que é errado, eu sei que nós não tamo certo com isso”. Ai a gente foi, até que eles resolveram tirar, agora daí eu não sei pra onde foi e isso aconteceu já esse ano.” **Maria José de Sousa Silva**



Maria do Rosário, Beatriz, Francinete e Francileide discutindo o mapa



Represente de Catucá, Francisca, Maria de Lourdes e Áurea

A luta pela lei do livre acesso aos babaçuais

“Babaçu preso é onde só as quebradeiras não tem acesso, que só o dono da terra que, é o proprietário, junta o coco e dá de meia e as pessoas ali, que é pra ter acesso ao babaçu, tem que quebrar de meia e a meia ainda é do patrão, daí com essa luta, como a gente já vinha fazendo isso na lei, não na lei, mas na marra, aí a gente entrou com articulação junto a ASSEMA com o apoio do Joaquim que era o Advogado, ainda é, não é? E foi criada a lei do Babaçu livre, como aqui tudo era Lago do Junco, criado Lago do Junco e depois com a divisão todas das cidades, então foi criada também Lago dos Rodrigues né, hoje existe a lei, mas a lei babaçu livre, ele pensa assim, como foi às quebradeiras de coco, sindicatos, os movimentos que criaram, então na hora que acontece as coisas, eles acham que nós que tem que ir, nós mesmo tem que se defender, por que a lei foi pra nós que criamos, as vezes as pessoa não quer ter esse enfrentamento por que a lei, ela precisa ser cumprida. pra ela funcionar ela precisa ser executada e muitas vezes eu me deparo, eu não vou enfrentar por que eu não quero criar. né. é meu amigo, fulano é meu amigo, é meu parente, então eu não vou criar caso com ele, ainda tem muita essas coisas assim, ainda que impede que a lei funcione, dentro desse entendimento aí, que essa discussão a gente não pára de discutir a questão da lei, pra que foi criada a lei, aí depois disso.” **Beatriz Ferreira dos Santos, sócia AMTR**



Otacília, Maria de Jesus, Carmelita, Nasira, Isabel



Reunião de discussão da oficina do Mearim

Problemas e reivindicações:

Cumprimento da lei do babaçu livre, lei contra a derruba de palmeira, corte do cacho do coco verde, envenenamento de palmeiras, falta de fiscalização, violência contra trabalhador por causa do coco, barracões que comprem o coco abaixo do mercado, plantio de braquiara (Capim) introdução de máquinas de quebra coco, venda de casca, venda de coco inteiro, imposição do cochete, exploração de trabalhadores, atravessador, veneno na pindoba, (em Bacabal, Lago dos Rodrigues e Lago do Junto), impedimento de produção de carvão para consumo, corte de palmeira.

A AMTR e a inserção na economia solidária

A AMTR possui núcleos de produção dos subprodutos de babaçu para inserção na economia solidária.

Os núcleos são os seguintes:

Farmácia Viva e Papel Reciclado, em Lago dos Rodrigues

Sabonete e Essências Aromáticas, em Lago do Junco



Sócias da AMTR na fábrica de papel reciclado, dona Maria Anízio, dona Zena, dona Beatriz, dona Heloísa

Contatos:

AMTR

Rua 1º de Maio, s/n – Lago dos Rodrigues-MA

Fábrica de Sabonetes

Povoado Ludovico – Lago do Junco

Cep 65.710-000

Telefone: (99) 9148-0272

Projeto Nova Cartografia Social da Amazônia

Série: Movimentos Sociais, Identidade Coletiva e Conflitos

- 1 Quebradeiras de coco babaçu do Piauí
- 2 Quebradeiras de coco babaçu do Mearim
- 3 Quebradeiras de coco babaçu do Tocantins
- 4 Quebradeiras de coco babaçu da Baixada Maranhense
- 5 Quebradeiras de coco babaçu do Pará
- 6 Quebradeiras de coco babaçu de Imperatriz
- 7 Quilombolas da ilha de Marajó
- 8 Quilombolas do Maranhão
- 9 Quilombolas de Codó, Peritoró e Lima Campos
- 10 Quilombolas atingidos pela Base Espacial de Alcântara
- 11 Quilombolas de Bujaru e Concórdia
- 12 Mulheres do arumã do Baixo Rio Negro
- 13 Grupo TucumArte – Artesanato de Tucumã
- 14 Quebradeiras de Coco do Quilombo de Enseada da Mata – Bairro Novo
- 15 Quilombolas do Tambor, Parque Nacional do Jaú Novo Airão, Amazonas
- 16 Ribeirinhos da região do Zé Açú, Amazonas
- 17 Piaçabeiros do Rio Aracá Barcelos, Amazonas
- 18 Mulheres Artesãs – Indígenas e Ribeirinhas de Barcelos, Amazonas
- 19 Quilombolas de Coelho Neto, Maranhão
- 20 Ribeirinhas da Várzea do Parauá e Costa do Canabuoca – Manacapuru, Amazonas
- 21 Movimento das Peconheiras e Peconheiros da ilha de Itacoãzinho, Igarapé Caixão e Igarapé Genipaúba – Baixo Acará, Pará
- 22 Ribeirinhos e Agricultores do Lago do Cururu – Manacapuru, Amazonas
- 23 Movimentos Ribeirinhos e Indígenas em defesa dos lagos e da vida do setor 01 Caité - Tonantins, Amazonas
- 24 Povos do Aproaga – São Domingos do Capim
- 25 Luta dos quilombolas pelo título definitivo – Oficinas de Consulta
- 26 Trabalhadores AgroExtrativistas da Reserva Extrativista de Ciriaco – Realidades e Desafios
- 27 A luta das quebradeiras de coco babaçu contra o carvão do coco inteiro – Bico do Papagaio
- 28 Mulheres quebradeiras na defesa do babaçu contras as carvoárias – Médio Mearim, Maranhão



REALIZAÇÃO

AMTR

APOIO



FORD FOUNDATION

ASSEMA



ASPA



CCNP



UEA
UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAPÁ
NCSA - CESTU



UFAM PPGAS